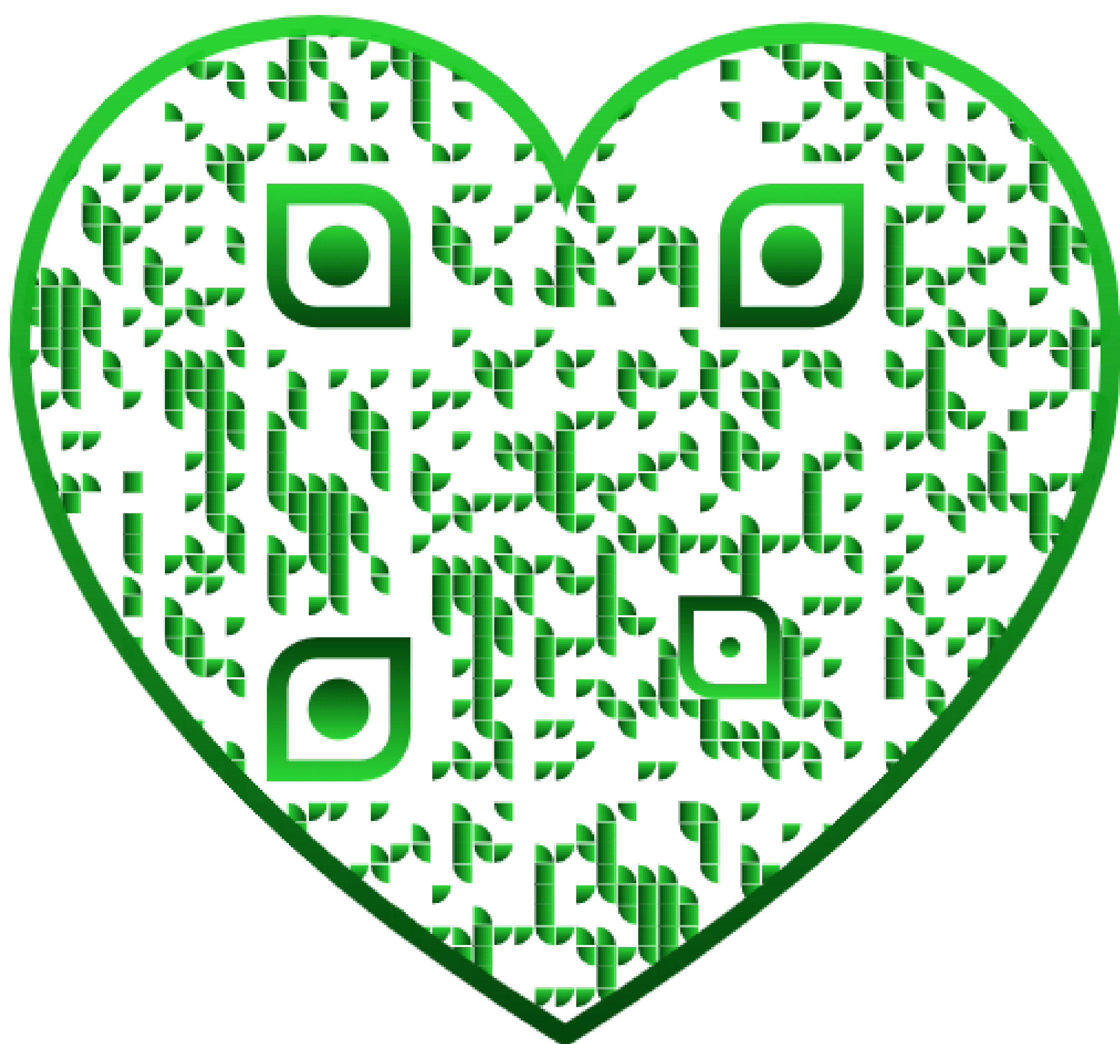
PALAVRA PUXA PALAVRA

Uma homenagem aos 70 anos da saga *O tempo e o vento*

ERICO VERISSIMO EM CONVERSA COM ROSA FREIRE D'AGUIAR



COMPANHIA DAS LETRAS



ERICO VERISSIMO
EM CONVERSA COM ROSA FREIRE D'AGUIAR

Palavra puxa palavra

Uma homenagem aos 70 anos da saga
O tempo e o vento



Companhia Das Letras

Sumário

Capa
Folha de rosto
Sumário

Caminhos cruzados: Rosa Freire d’Aguiar recupera os fios do convívio com Erico
Um solo de clarineta: Entrevista a Rosa Freire d’Aguiar

Sobre Erico Verissimo
Sobre Rosa Freire d’Aguiar
Créditos

Caminhos cruzados[1]
Rosa Freire d'Aguiar recupera os fios do convívio com Erico

Encontro marcado para depois do jantar, na casa da rua Felipe de Oliveira. Ele está sentado em sua poltrona predileta, ao lado da lareira acesa, pernas esticadas sobre um banquinho e cobertas pela manda xadrez. Aceitou falar dos acordes finais que dá a *Solo de clarineta*, o esperado livro de memórias. Chego preparada, li diversos romances seus, críticas. Como será ele? Retraído? Bem-humorado? E, cruzo os dedos, falante? Ai, ai, ai. Primeira descoberta: o homem de "cara de índio" é de muito escrever, mas de pouco falar. A jornalista novata quer fazer bonito em sua primeira entrevista com um escritor, ah, se ele fosse tagarela. Ou pelo menos como dona Mafalda, no sofá em frente, que puxa conversa, serve café, tricota um suéter cor de laranja, "mais um cafezinho?", dois dedos de prosa, até enxotar os fantasmas do silêncio e do acanhamento. Podemos começar a gravar, desbastar o calhamaço que preparei, "até parece um questionário da Inquisição". Eu disse gravar? Ai, ai, ai. Segunda descoberta: o gaúcho sem sotaque, o artesão de histórias que cruzaram caminhos, tempos e ventos, é avesso ao artefato gravador. O não é doce, mas inequívoco. Acompanhado de uma contraproposta: posso ir todas as

noites à sua casa, quantas forem necessárias, e calmamente iremos conversando, "palavra puxa palavra". Nove noites o escritor falou de personagens ("tenho uma ternura particular por Clarissa"), obsessões ("a perda e a busca do lar"), temores ("ah, quantos períodos em que tive a impressão de que estava esgotado, seco!"). Nove noites tomei notas, abreviadas, por extenso, febril, voltei em silêncio para o hotel: não quebrar o eco da música ao longe.

Uma pausa de três dias em Cruz Alta, com Hajimu Hirano, o fotógrafo gaúcho japonês, ou vice-versa. Buscamos vestígios do moço que, aos 25 anos, pegou o caminho de Porto Alegre e, de lá, o dos quadrantes do mundo. Um parente, "seu" Luderites, se lembra do rapazinho de brilhantina no cabelo e de olho nos olhos azuis de Mafalda, "tudo namoro de janela, nada de agarramentos"; e do pai dele, "Sebastião, xodó das mulheres, vida de grã-fino". Pulamos o muro alto do casarão abandonado onde moravam os avós: no matagal, Hajimu improvisa um estúdio para fotografar objetos que apanho na casa onde o escritor nasceu: a primeira máquina de escrever, traduções em línguas exóticas, holandês, húngaro, desenhos do adolescente que pensou em ser pintor.

Volto a Porto Alegre. A despedida é na manhã de sábado. O escritor posa para uma sessão de fotos, boné e óculos escuros, passeios pelo bairro, pela praça da Matriz, de braço dado com dona Mafalda. Anuncia a boa nova: Clarissa, recém-chegada dos Estados Unidos, com David e os filhos; Luiz Fernando, com Lúcia e as crianças, virão almoçar. Retrato de família *au grand complet*. Convida-me para ir à sua "toca", o porão-gabinete nos fundos da casa. Sobre a mesa, um envelope pardo, gordo, "Para Rosa". Abro e encontro um maço de folhas de um bloco sem pauta: as mais de quarenta perguntas do "questionário da Inquisição" respondidas pela mão do homem infenso às palavras gravadas, afeito às escritas. Propõe

pinçarmos uma resposta e compararmos nossos textos. Ai, ai, ai. Terceira descoberta: o gravador não fez falta, fui fiel às suas reflexões. Mas enquanto no hotel eu tentava aprisioná-las depressa, na sua "toca" ele se alongava, reelaborava-as.

Pouco depois a revista Manchete publicava a longa reportagem.

O país vivia tempos sombrios de masmorras e desaparecidos. O escritor que não pertencera a partidos de esquerda soubera levantar sua voz contra a ditadura Vargas, a guerra do Vietnã, a censura militar. Numa de nossas conversas, por impertinência, inexperiência decerto, eu havia insistido um pouco demais na missão política do escritor. O homem sentado na minha frente contou uma história. Uma noite em Cruz Alta, tinha doze anos. O pai, farmacêutico, o chama para segurar uma lâmpada elétrica na sala da farmácia onde um médico tenta salvar a vida de um pobre coitado esfaqueado pela polícia, rosto e ventre abertos, polegar decepado. A criança não largou a lâmpada um instante. A vítima se salvou. Naquela noite dos idos de 1917 alguma coisa se cristalizou no espírito do menino. Ele cresceu e virou romancista, flagrou-se descrente no poder da literatura para mudar o destino dos homens, mas soube ser o que fora numa noite da infância: alguém que ilumina, faz luz, desvela as injustiças sociais, as crueldades; alguém que jamais deserta o seu posto; que, se não possui lâmpada elétrica, "usa o seu lampião, um candeeiro, um toco de vela…".

Muitos anos e entrevistas depois faço a quarta descoberta: naquelas noites dos idos de 1973 alguma coisa se cristalizou em meu espírito; um escritor humano, demasiado humano, me acolheu com a simpatia e a modéstia dos grandes e, quem sabe se com o clarão da lenha crepitando na lareira de sua casa, iluminou o caminho da moça quase-"foca", que, alumbrada, se apaixonou pela tribo dos contadores de histórias.

1. Texto de apresentação publicado originalmente em *Cadernos de literatura brasileira: Erico Verissimo* (Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2003).

Um solo de clarineta[2]
Entrevista a Rosa Freire d'Aguiar

"Jamais escreverei minhas memórias: não acho graça nenhuma no personagem principal." Assim falou Erico Verissimo. Ou melhor, assim falava, até o ano passado, quando de repente começou a se interessar pelo personagem Erico Verissimo, por sua vida e seus pensamentos.

E o interesse cresceu tanto que o escritor agora dá os toques finais num novo livro, *Solo de clarineta*, o primeiro de memórias numa obra com mais de trinta volumes de ficção. Esse autorretrato de Erico Verissimo, em nove capítulos, sairá em outubro pela editora Globo.

Em Porto Alegre, ao lado da lareira acesa, Erico senta-se com as pernas esticadas sobre uma banqueta e cobertas por uma manta de lã. As paredes são de tijolo aparente, objetos de cerâmica e lembranças de viagens estão espalhados em cima dos móveis rústicos. O rosto é moreno, as sobrancelhas largas e grisalhas. Na primeira meia hora, ele parece mais interessado em ouvir. Aos poucos o gelo inicial vai derretendo, mas logo se percebe que Erico não é de muito falar. Usa pouco sua voz firme, livre de sotaque gaúcho.

No sofá em frente, dona Mafalda tricota em pulôver cor de laranja e, preocupada com o silêncio dos primeiros minutos, puxa conversa, oferece

um cafezinho.

Nesta sala Erico cultiva um de seus principais hábitos: fazer amigos. Quase todas as noites, o casarão da rua Felipe de Oliveira se enche de velhas amizades, gente que quer conhecê-lo, estudantes. De literatura é o que menos se fala, e os escritores são raros. Diz Erico que os de sua geração preferem ficar em casa, dando a impressão de que têm medo das coisas novas. Gestos calmos e retraídos, frases curtas, o contador de histórias, mais artesão do que artista, vai revelando coisas, refletindo sobre pessoas.

Certa vez você disse que o romancista devia ser, para seus leitores, um personagem um pouco mítico. O livro de memórias que está escrevendo seria uma desmitificação do autor Erico Verissimo?

Boa, excelente pergunta. No princípio de minha vida literária sonhei vagamente com a ideia de ficar na sombra, não publicar notas biográficas e, principalmente, não permitir a reprodução de retratos meus na imprensa. Conhecia o caso do misterioso autor B. Traven, que vivia no México escondido, e que se entendia com os editores por meio dum agente literário discreto. Publicou livros que foram traduzidos para vários idiomas. Ninguém lhe conhecia a cara, os hábitos, o passado, a nacionalidade. Era uma figura mítica, situação excelente — achava eu — para um escritor de ficção.

Essa ideia não ia de encontro ao desejo do moço escritor de ser conhecido?

Sim, essa ideia a princípio entrou em conflito com o desejo de sair do anonimato, de ser apontado na rua. Quando mais maduro tornei a pensar no caso de B. Traven, era tarde demais. Esta cara de índio já estava nos

jornais e nas revistas. Trechos de minha biografia eram publicados até em almanaques — e em geral cheios de erros. Mas… voltando à primeira pergunta, seria melhor que o leitor não conhecesse a cara do autor dos livros que lê. Não sei se minhas memórias vão me desmitificar (se é que sou mito para alguém). O que sei é que elas me apresentarão sob um aspecto mais humano.

“Creio que nunca escreverei memórias pela simples razão de não ter tido uma vida novelesca nem excepcionalmente interessante”, dizia você há quinze anos. Por que agora se dispõe a escrever a história de sua vida?

Em 1966, a editora José Aguilar preparava-se para lançar em cinco volumes, em papel de Bíblia, a minha *Ficção completa*. Como eu estivesse então nos Estados Unidos, sem outra tarefa importante além da de brincar com meus netos, decidi escrever uma *Autobiografia compacta* para ser publicada com os seis volumes da Aguilar. Palavra puxa palavra (a memória é um saco de surpresas, um poço sem fundo), e, quando dei conta do que fazia, verifiquei que estava mais interessado do que esperava em minhas memórias e que elas me ofereciam uma excelente oportunidade para dar um balanço na minha própria vida, e para fazer uma espécie de autocrítica. Contive-me a tempo. Omiti episódios e personagens importantes de meu passado. Dei à autobiografia comprimida do título de *O escritor diante do espelho*.

Reacendeu-se assim o interesse pelo personagem principal?

É. Passaram-se seis anos. Muitos de meus amigos nem tinham notícia desse ensaio autobiográfico. Um dia o meu editor, José Otávio Bertaso — que o lera — propôs-me a sua publicação em livro. Recusei a sugestão, alegando que se tratava dum trabalho incompleto. Era preciso — expliquei

— ir um pouco mais fundo no tempo, nas pessoas e em mim mesmo. O editor aceitou minhas razões. Recentemente, a propósito dum documentário cinematográfico que pretende fazer a meu respeito, meu amigo Fernando Sabino leu *O escritor diante do espelho* e espantou-se de ver que esse ensaio praticamente estava inédito, ou melhor, era muito pouco conhecido. Outro amigo, o romancista Josué Guimarães, foi da mesma opinião. O meu mais antigo companheiro, Maurício Rosenblatt, me declarou que não compreendia a razão que eu dava para não publicar a compacta separadamente. Foi assim que decidi ampliar e melhorar consideravelmente o texto que apareceu na coleção da Aguilar. É o que estou fazendo agora. Espero terminar o trabalho até fins do próximo agosto.

Ao escrever *Solo de clarineta*, você ainda concorda com o que disse quinze anos atrás?

Não renego o que disse em 1957. Minha vida não oferece nada de extraordinário. Mas você não acha que tudo depende da maior ou menor capacidade do escritor para aproveitar os fatos e os personagens de sua vida, de sua maior ou menor coragem para escrever o que lhe parece verdade, com V maiúsculo? Estou muito agudamente consciente de que *Solo de clarineta* não será um documento histórico, mas que será, sem a menor dúvida, um documento humano.

Como você diz, a linha-mestra de sua vida foi a perda e a busca do lar. Você pode falar de seus pais e do que eles representaram para o menino e o rapaz Erico?

A presença de meu pai em minha vida foi trágica. A vida dele, sim, teve um final dramático. Encontrei em minha mãe as fortes raízes que me ligam à minha terra e à minha gente. A agulha da bússola de meu pai me

apontava para os mais variados quadrantes da terra, principalmente para a Europa. Os meus primeiros contos não se passavam nunca num país que tivesse nome e situação geográfica. Eu sentia pelo meu velho uma grande fascinação. Tive com ele, entretanto, um convívio muito curto. Meu pai ficou dentro de mim, sob os mais variados disfarces. Mas a presença humana mais forte, constante e decisiva na minha vida foi a de minha mãe, que tinha apenas o curso primário, mas era dotada de bom-senso e coragem moral para dar e vender.

Durante a infância e a adolescência, época em que se descobre o mundo, você morou em Cruz Alta. O que restou desses anos vividos no interior?

Você não pode calcular como é bom, fecundo para um romancista ter nascido e vivido (no meu caso quase 25 anos) numa cidade pequena. O computador do meu inconsciente foi programado em Cruz Alta. Numa cidade do interior e a gente vive mais perto das coisas. O verniz que a cidade grande dá às criaturas é uma camada muito fina que não engana a quem sabe o que ela procura esconder. Minha infância foi muito boa, principalmente porque eu a vivi em dois planos: o real e o imaginário. Claro, isso acontece com crianças, em maior ou menor grau. Mas comigo o mundo do faz-de-conta foi um grande refúgio, uma espécie de pátria da imaginação.

Direta ou indiretamente, é frequente a preocupação dos escritores com a meninice. Você chegou a sofrer da chamada nostalgia da infância?

Não, não cheguei a sentir uma verdadeira nostalgia da infância. Nunca me preocupei muito com ela. Claro que o meu passado me intriga. Tinha e tenho curiosidades com relação a esse tempo de minha vida. Acho que de

certo modo o menino continua no homem. É o que estou verificando ao escrever memórias. Tenho personagens de meus romances.

Apesar de ser de uma cidade do interior, cedo você se fixou em Porto Alegre.

De fato, vivo em Porto Alegre há já 43 anos. Mas creio que os meus primeiros dezoito anos contêm as imagens que mais funda impressão me deixaram no espírito. Para lhe explicar como se coadunaram na mente do escritor a infância e a adolescência cruz-altenses e a vida de Porto Alegre, eu precisaria de escrever um longo ensaio. Creio, porém, que *Solo de clarineta* poderá lançar alguma luz sobre o problema.

Você concorda com o rótulo que às vezes lhe dão, de escritor regionalista?

Estou longe de ser um regionalista. Mesmo em *O tempo e o vento* usei o mínimo de vocábulos ou expressões regionais. (Noto que hoje em dia se escreve muito em mineiro, baiano, pernambucano.) Em certo ponto de minha atividade de ficcionista, senti que devia ao Rio Grande do Sul um romance sobre sua gente, sua terra e sua História. Mas confesso que ainda me sinto atraído pela vida do homem moderno numa grande metrópole, com todos os problemas do nosso tempo. Outra coisa: um romancista que não é apenas um memorialista (e presumo ser este o meu caso) não deve ficar preso à sua querência (e aqui vai uma expressiva palavra gaúcha). *Noite* — novela que não foi compreendida por muitos críticos, mas que considero importante na minha obra — se passa numa cidade que tanto pode ser Porto Alegre como Buenos Aires, Roma ou Madri.

Sim, mas o Rio Grande do Sul foi sempre um tema ao alcance de sua mão. *O senhor embaixador* e *O prisioneiro* se passam em ambientes

diferentes, quando nada geograficamente. Aventurar-se à temática de outras terras significa um perigo para o escritor.

Está claro que é mais sensato a gente escrever sobre os assuntos que conhece melhor, como por exemplo a nossa gente e a nossa terra. Confesso, entretanto, que tenho viajado com relativa frequência pelo estrangeiro, sinto-me tentado a escrever novelas que se passam, por exemplo, em Atenas, Bruges, Roma, Londres, Paris… Minha mulher, em cujo julgamento tenho a maior confiança, vive a me dizer que as novelas escritas por brasileiros e que têm como cenário países estrangeiros em geral soam falso. Talvez esteja com a razão. Veja bem, se eu escolhesse o Rio de Janeiro, São Paulo ou Recife como local para um romance, correria o mesmo risco, pois não tenho intimidade com essas cidades.

Em resumo: depois de explorar o Rio Grande do Sul, você passeou pela América Latina, pela Ásia, e depois voltou ao seu estado natal, em *Incidente em Antares*. Seria este um processo cíclico?

Não tenho planejado largamente a minha obra com o propósito de fazer dela um bloco harmonioso. Por isso não penso em ciclos. Sacramento é um país que inventei especialmente para *O senhor embaixador*. *O prisioneiro* evidentemente se passa no Vietnã, durante a guerra suja. Se não dei nome aos países em guerra foi porque não quis que essa novela tivesse a sua vida limitada à duração do conflito naquela parte da Ásia. Resumindo: o que importa é o homem, seja qual for a cor de sua pele, a sua religião, o seu partido político. Sinto ter nascido tão cedo. Não vejo o futuro apenas sob seus aspectos apocalípticos. A capacidade humana de sobreviver é fabulosa, como tem sido a de inventar, esperar e lutar. Descobri, num poema de Éluard, um verso que daria uma epígrafe esplêndida para uma biografia da raça humana: “Le dur désir de durer”.

***O tempo e o vento*, sem ser uma trilogia histórica, apresenta um cenário bem completo da vida gaúcha no século XVIII. Qual a importância da História para um contador de histórias?**

A História em *O tempo e o vento* foi apenas um pano de fundo. Não tenho qualidade de historiador. Explico a minha preocupação com a História. É que estou certo de que ninguém pode fugir a ela. Em *Incidente em Antares* refiro-me a esse assunto através das palavras do professor Martim Francisco Terra. Minha ideia de História não a apresenta como uma senhora gorda, pomposa, caprichosa e ao mesmo tempo previsível. Concordo com a ideia de Marx de que “a História nada faz… é o homem, o homem vivo e real quem faz tanto. A História é apenas a atividade do homem na busca de seus objetivos”.

Você então não costuma fazer pesquisas históricas para situar suas personagens em acordância ao tempo e local onde vivem?

Sou fraco em matéria de pesquisas de qualquer natureza. Preguiça e falta de método. Um romancista é antes de tudo um intuitivo. Para *O tempo e o vento* fiz o mínimo de pesquisas. Não me arrependo disso. É muito perigoso para o romance quando o autor sabe coisas demais sobre uma região ou uma época histórica. Sua tendência é usar tudo que sabe, isto é, atravancar as páginas do romance com móveis e utensílios etc.

Sim; mas ao reproduzir o drama de Dreyfus, Roger Martin du Gard serviu-se até das anotações do processo Zola. Os detalhes das invasões napoleônicas na Rússia foram descritos por Tolstói em *Guerra e paz*. Em *Incidente*, você se valeu da História do Brasil.

Meus personagens de *Incidente em Antares* não são extraídos da História. O que acontece é que eles comentam e seguem a vida de figuras históricas como Borges de Medeiros, Júlio de Castilhos, Getúlio etc. No

livro, só Getúlio e Jânio, em cenas curtas, aparecem como personagens, isto é, falam e comunicam-se com as minhas criaturas fictícias. Que vantagem teria eu de situar *Incidente* numa cidade que existe na realidade? O importante me é dar realidade, verdade à cidade inventada, fazendo-a parecida com as que existem na mesma região.

O fato de não situar Antares geograficamente seria receio de cair na narrativa puramente histórica?

Não, nunca tive medo de cair no romance histórico pela simples mas poderosa razão de que não tenho qualidades de historiador. O aparecimento eventual de vultos e fatos históricos em meus romances vale como um selo de autenticidade para as minhas ficções. Marcam a época com seus dramas ou comédias políticas.

Além de se valer de fatos históricos, você empregou em *O prisioneiro* um estilo quase documental. Esta objetividade faz lembrar o cinema. Pode-se falar de técnica cinematográfica em algum de seus romances?

No princípio da minha carreira de romancista eu construía meus romances conscientemente em termos de cinema. Era então chamado com desprezo por certos críticos de romancista cinematográfico, isto é, falso, sem importância literária. Ora, cinema ganhou foros de arte. Hoje em dia é elogio dizer que uma novela tem qualidade cinematográfica. Continuo a aprender boas lições com o cinema. Narrando uma história, eu me porto muitas vezes (nem sempre, é claro) como uma câmara de cinema. A objetividade é uma de minhas paixões. Sou a negação do metafísico.

Ainda em *O prisioneiro*, você alertou seu público para um problema de nosso tempo. Apesar dessas denúncias, você jamais foi um escritor

engajado em qualquer corrente política. Qual é a missão política de um ficcionista?

Quando eu tinha doze anos, uma noite em Cruz Alta, na sala de operações da farmácia de meu pai, me pediram para segurar uma lâmpada elétrica, enquanto um médico fazia o possível para salvar a vida dum pobre homem que a polícia local quase matara. O paciente tinha um dos polegares decepados, um talho de navalha que ia duma comissura dos lábios até a orelha, o couro cabeludo descolado a golpes de espada e um talho no ventre. Nauseado, continuei segurando a lâmpada até o fim. O homem foi salvo… Bom. Acho que a missão política do romancista é esta, de fazer luz sobre as injustiças sociais, mostrar a crueldade ou desonestidade dos governantes, denunciar as atrocidades e jamais desertar o seu posto. Se não possui uma poderosa lâmpada elétrica, que use o seu lampião, um candeeiro, um toco de vela…

Aqui chegamos à frase de Camus: "O escritor é a testemunha da liberdade". Você tem sido uma delas?

Tenho usado e até abusado dessa frase de Camus, e tanto o escritor como o homem que sou tem procurado seguir seu espírito na vida e na literatura. Isso também aparecerá nas minhas memórias. Esse papel de testemunha da liberdade começou quando eu tinha dezoito anos e vivia numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, governada tiranicamente por um chefe político arbitrário. Toquei meu solo de clarineta nos ambientes mais dramáticos e hostis, onde muitas vezes o acompanhamento era feito de tiros e do tinir de adagas.

Sobre as discussões que relacionam a arte à política, e que tentam estabelecer o tipo de arte mais adequado para expressar conteúdos políticos, o que você responde?

Toda a arte pode exprimir ideias políticas (veja bem, digo pode e não deve) e até influir no comportamento político de seus leitores ou espectadores (no caso do teatro e da pintura). O que me parece quase impossível é escrever um romance cuja ação se passa em nossos dias e não fazer nenhuma referência à política. Os acontecimentos políticos, as lutas sociais nos saltam na cara. Como ignorá-los? O que me parece mau, em princípio, é o romance político sectário, o que segue a sinuosa linha tantas vezes contraditória dos partidos.

Como se enquadraria a literatura latino-americana contemporânea dentro dessa ideia?

Quanto à literatura de ficção latino-americana, conta ela hoje com extraordinários romancistas e contistas, mas na minha opinião sua boa qualidade não se deve ao fato de ela ter conteúdo político, contestatório. Pense em Jorge Luis Borges. Os engajados o acusam de alienação. Essa nomenclatura não altera *en lo más minimo* as enormes qualidades literárias desse grande escritor.

Seria então mais prudente julgar os romances e as obras de arte individualmente, por seus próprios méritos?

Exatamente. Tomemos o caso de Kafka. Aposto que esse escritor de gênio nunca se interessou pela política com P maiúsculo ou p minúsculo. No entanto *O processo* é um libelo contra o estado totalitário. *O castelo* é também um pouco isso e muito mais ainda. *Na colônia penal* é uma antevisão dos campos de concentração e extermínio. *A metamorfose* contém uma profecia quanto ao que o homem ficaria reduzido na era da tecnocracia, da publicidade e da sociedade de consumo: em suma, esse prodigioso conto — além de outros aspectos duma simbologia riquíssima — mostra o homem como um pobre bicho, a vida humana como uma coisa

barata que se pode jogar na lata do lixo quando ela deixa de servir à Engrenagem.

O escritor peruano Manuel Scorza diz que as grandes obras universais sempre foram sociais. E explica: no romance o escritor tem a oportunidade de tornar invisível, falar com os mortos, ou seja, unir a fantasia à crítica social. Essa opinião de Scorza lembra o *Incidente em Antares*. Em sua obra, onde você situa outros momentos de crítica social?

De fato, em *Incidente* sete defuntos insepultos erguem-se de seus esquifes, marcham sobre a cidade, instalam-se no coreto da praça principal e de lá acusam os vivos, os donos do poder. Em menor grau, ainda com certa timidez, fiz crítica social em *Caminhos cruzados*, *Música ao longe*, *O resto é silêncio* e *O senhor embaixador*.

As críticas de *Caminhos cruzados* quase o levaram à cadeia, não foi?

É verdade. A alta burguesia detestou o livro e o autor. Fui considerado dissolvente, imoral e comunista, e chamado à Chefatura de Polícia para prestar declarações. O chefe de polícia me pareceu um tanto constrangido. O diálogo foi breve: “Me disseram que o senhor é comunista…” — começou o coronel que exercia o importante cargo. Respondi: “Engraçado. Me disseram que o senhor é integralista…”. A conversa não foi muito longe, fui mandado em paz. Mas para a burguesia local eu era uma espécie de inventor do sexo, o que, como se sabe, não é verdade. Se você ler esse livro (não vale a pena, devo dizer) e compará-lo com o que se escreve hoje em matéria de erotismo, verá que *Caminhos cruzados* é duma inocência comovedora.

O romance *O resto é silêncio* trazia novas críticas à sociedade porto-alegrense e provocou novo escândalo.

É verdade que *O resto é silêncio* causou um escândalo ainda maior do que o de *Caminhos cruzados*, não só porque aquele romance cortava mais fundo mas também — e talvez principalmente — porque um padre jesuíta escreveu numa revista um artigo contra o livro e contra a minha pessoa, chegando a pedir claramente ao presidente da República que mandasse queimar meus livros e me expulsasse do país. Sofríamos então o Estado Novo e naquele tempo tínhamos a impressão de que a Igreja Católica estava inteira do lado de Vargas. Decidi processar o autor do citado artigo, o que foi feito. Foi apenas um gesto de caráter político. Todos os que desaprovaram a ditadura de Vargas aproveitaram a brecha e ficaram do meu lado. Tive comigo também centenas de amigos que não desejavam a volta (nem mesmo em ridícula paródia) da inquisição. O artigo do padre era uma obra-prima de estultice. Do outro lado estava a alta burguesia, católica, com raras exceções. O padre foi absolvido, como eu esperava e desejava. Parecia um bom velho que achava mesmo que eu estava corrompendo a mocidade.

Tendo continuado a viver em Porto Alegre, você assistiu às mudanças dessa mesma sociedade que há trinta anos ofendeu-se com seus livros.

A nossa cidade e a nossa sociedade mudaram muito de 1943 para cá. Pretendo mostrar essa mudança no romance *O dia do sétimo anjo* (título provisório)[3] que já está estruturado. Duma coisa estou certo: se hoje há mais imoralidade e amoralidade do que há trintas anos, isso não se deve aos meus livros… Os netos e bisnetos de muitos dos cidadãos que me atacaram por causa de *O resto é silêncio* estão hoje na boleta; repudiaram

o catolicismo dos pais, casaram-se muitas vezes, são uns revoltados; uns insatisfeitos: permanentes habitantes da fossa. Culpa minha?

Você já retratou a vida do gaúcho da fronteira e da cidade; o Rio Grande do Sul dos séculos XVIII e XX; as lutas e as tradições gaúchas. É possível definir o homem dos pampas e diferençá-lo dos outros tipos brasileiros?

Quanto ao período de lutas que retratei, não vejo marcas específicas no espírito do gaúcho. As lutas entre portugueses e espanhóis foram muitas. O Rio Grande, durante mais de cem anos, foi o campo de batalha do Brasil. Isso, sim, nos deixou uma funda marca. O tipo do gaúcho (um pouco mitológico por causa da má literatura) se caldeava nessas guerras e revoluções. Os fracos não tinham condições para sobreviver. Os outros formaram uma população de homens fortes, afeitos às lides mais duras, e hábeis no manejo das armas, fanáticos quase da liberdade — tipos que falam alto com quem dá ordens, que mordem as palavras, como bons carnívoros, leais como amigos e um pouco espartanos na sua maneira de viver. Tudo isso, porém, está mudando ao influxo das imigrações estrangeiras, principalmente da alemã e da italiana. Hoje em dia é muito mais difícil do que há cinquenta anos dizer como é o gaúcho rio-grandense.

Você diz que a história é o veículo que carrega as personagens. No seu caso de contador de histórias, pode-se dizer que estas passam e as personagens ficam. Você se concentra mais ao criar uma personagem ou o enredo para ela?

O importante é a personagem. Repito que a intriga é apenas o veículo. E pode ser também a maneira melhor de retratar um ambiente. Não compreendo a má vontade da crítica e de certos leitores esnobes para com

a história. Quem quiser evitar "essa forma inferior de arte" que escreva poesia ou ensaio. Os que enchem a boca com a palavra História, com um imenso H, esquecem-se de que ela é feita de intrigas e histórias de que eles foram personagens? Devo esclarecer que, no caso da ficção, história é, como disse E. M. Forster, "uma sucessão de acontecimentos na sua ordem de tempo". (Eu diria "ordem ou desordem".)

A influência e a transposição de amigos e familiares para o mundo das personagens foi muito forte em sua obra?

A influência de amigos e parentes na criação de minhas personagens é em geral obra de inconsciente, esse misterioso computador programado por vossas vivências. Lembro-me dum caso em que propositadamente tomei um tio meu, Nestor Verissimo, para modelo duma personagem de *O tempo e o vento*: Toríbio Cambará. Lá pelas tantas, Toríbio, como um potro bravo, tomou a rédea nos dentes, disparou e passou a viver sua vida independentemente de meu tio Nestor e do próprio autor do romance. Quanto a personagens autobiográficas, digo o seguinte: creio ou melhor, sei que a personagem que mais se parece comigo psicologicamente é Floriano Cambará. Não se trata de uma autobiografia. A parecença é de temperamento. A maioria das coisas acontecidas a Floriano não aconteceram a mim. Sua família não era igual à minha. Quanto a Tônio Santiago, trata-se duma autobiografia estilizada e superficial.

Na apresentação de *Ana Terra*, você confessa seu constrangimento ao se meter na pele de uma personagem feminina. Isso aconteceu outras vezes?

Na criação de *Ana Terra*, até certo ponto me constrangi. Ao criar Clarissa traduzi para o sexo feminino minhas experiências de adolescente. Usei também observações que fiz de meninas adolescentes que conheci.

Olívia é um tipo construído. Não se parece com ninguém que conheça. Em Bibiana e Maria Valéria vali-me de meu convívio com velhas, remotas tias, procurando meter-se na pele delas, sem o menor constrangimento. Fernanda é mais uma ideia do que uma pessoa.

Em meio a este mundo de personagens, construído em quarenta anos de vida literária, você pode indicar as prediletas?

É difícil responder a essa pergunta. Confesso que tenho um fraco pelas velhas de *O tempo e o vento*. (Eu não simpatizava com Maria Valéria no seu tempo de moça, mas passei a gostar dela quando envelheceu.) Tenho uma ternura particular por Clarissa. Tive boas relações com Vasco. Identifiquei-me um pouco com o Pablo Ortega de *O senhor embaixador*. Não consegui antipatizar com Gabriel Heliodoro, apesar de todos os seus crimes. Tenho má vontade para com Licurgo Cambará. Gosto de Rodrigo Cambará, mas nem sempre. Prefiro a ele Florêncio e Juvenal. E assim por diante. Mas as prediletas não se assemelham com pessoas da vida real.

Algumas dessas personagens pertencem a romances que, segundo a crítica, pecavam por excesso de ternura. Os críticos tinham razão?

Eles eram contra e estavam certos. Eu trazia a marca dum colégio protestante. Pregava um salvacionismo barato e portanto fora da realidade. Um otimismo incorrigível, mais a falta de tempo para escrever, e mais uma inconsciente repulsa ao drama me levavam ao lirismo de Clarissa. Pelos motivos mencionados, joguei fora um grande tema em *Música ao longe*. Isso acontece com muitos escritores. Tomemos o caso do poeta Cassiano Ricardo. Quando começou, era um pintor que esbanjava tintas, um autor de quadros pitorescos. Hoje é um dos poetas mais sérios e profundos da língua portuguesa.

Outra crítica desfavorável a você é ter optado, nos primeiros livros, por um caminho pouco profundo e mais ao gosto do leitor comum.

Sim, meus primeiros livros foram escritos às pressas, em aparas de tempo, durante um período de minha vida em que eu trabalhava mais de dez horas por dia na revista e na editora da Globo. Nem todos os críticos mudaram de opinião a meu respeito depois que publiquei a trilogia. Alguns não leram os volumes que a compõem. Não poucos dentre eles continuam julgando minha obra pelos meus primeiros romances. Mas esse novo caminho dos meus últimos romances não foi uma resposta aos críticos e sim a mim mesmo, à minha autocrítica. Está claro que quem mudou fui eu. Eu sabia que podia dar em meus livros mais do que estava dando. Mas — que diabo! — eu precisava de dedicar o melhor de meu tempo para ganhar o sustento da minha família (aqui se ouvem violinos em surdina, ao fundo…).

Este período, entretanto, chegou a colocar em perigo o talento do escritor?

A publicação de *Olhai os lírios do campo* foi um momento de grande perigo na minha vida de romancista. Corri o risco de repetir uma fórmula que provava ser do agrado do grande público. Sabe como reagi? Passei cinco anos sem escrever um romance sequer. Tomei um longo, belo banho de silêncio.

Esse foi um afastamento deliberado. Mas em sua vida de contador de histórias, houve momentos de esgotamento, de silêncio involuntário?

Ah! Quantos vácuos se abriram na minha vida de escritor! Quantos períodos em que tive a impressão de que estava esgotado, seco! Esses momentos não chegam a me apavorar, mas me preocupam muito, me

afligem… Minha mulher, que me conhece muito bem, não dá importância a essas crises. Sabe que de repente, sem o menor sinal prévio, ela pode ouvir o som de minha máquina, num rá-tá-tá de metralhadora. É que uma nova ideia me veio e eu comecei a trabalhar. O escritor usa vários truques para enfrentar essas panes. Um deles é forçar a mão. O outro é simplesmente esperar. Eu uso de ambos, alternadamente.

Heinrich Böll, Prêmio Nobel do ano passado, confessou há pouco tempo que "com o correr dos anos, a gente faz uma descoberta importante e muito triste: não é possível transmitir as nossas experiências para os outros". No momento de escrever suas memórias, você tem pensado nisso?

Tenho. Não se pode dizer tudo. Esbarramos em vários muros. Alguns dentro de nós, outros, fora. A linguagem que usamos é em geral deficiente, incapaz de descrever certos estados de espírito. E existe dentro de cada um de nós um terrível censor, que nos acompanha desde a infância. Sou um sujeito que sofre agudamente dum complexo de culpa. Por quê? Se eu soubesse, ficaria livre dele!

Além de memórias, o que você está pensando em escrever?

Depois de *Solo de clarineta*, preciso saber antes de mais nada se ainda estou vivo e "são de lombo", antes de pensar em *O dia do sétimo anjo*. E não juro que seja este o romance que vou atacar primeiro. O bom desse jogo literário é que ele nunca nos dá certezas matemáticas. As ideias para os livros parecem vir no vento. É uma espécie de processo de polinização. Processo misterioso. O ficcionista não deve tentar compreendê-lo. O que deve, isso sim, é evitar a inseminação artificial, pois ela produz livros como o meu romance *Saga*, o pior de quantos até hoje escrevi.

Dando um balanço em sua vida de escritor: são quarenta anos de vida literária, alguns livros com tiragens inesperadamente altas, quase todos com sucesso. Um dos escritores mais lidos e traduzidos do Brasil. Como você se sente, aos 67 anos, recordando este passado?

As tiragens de meus livros não são altíssimas. Apenas razoáveis, permitindo-me viver apenas de literatura. Seja como for, não me considero um grande romancista. Não sou um inovador, nem na técnica nem na linguagem. Se me pedissem um adjetivo para me qualificar como contador de histórias, eu sugeriria engenhoso. Talvez este qualificativo possa ter uma conotação irônica… mas que importa?

De qualquer forma, você já refletiu que o mundo de seus leitores pode ter mudado, nem que seja um pouco, em função do que você escreveu?

Não creio que meus romances — a não ser em casos que se podem contar nos dedos de ambas as mãos — tenham tido a força de mudar a vida dos que os leram. Uma vez em Setúbal, Portugal, fui homenageado com um almoço, ao fim do qual fiz uma conversinha informal, seguida dum período de perguntas e respostas. Ergueu-se um senhor de meia-idade e me perguntou se eu acreditava que um romance poderia ter a força de mudar o destino de uma pessoa. Respondi pela negativa, e o homem replicou: “Pois engana-se. Meu filho estava estudando Engenharia. Leu *Olhai os lírios do campo*, entusiasmou-se de tal modo pela profissão de médico que abandonou a Engenharia e entrou para a faculdade de Medicina. Formou-se há um par de anos, é um médico competente e dedicado”. Diante dessa prova, tive que me render. Mas continuo cético quanto à capacidade que meus romances possam ter para influir de maneira decisiva na vida dos leitores.

Uma última frase sua: "O meu livro mais importante é aquele pelo qual eu desejaria ser julgado".

Se eu tivesse de escolher um só livro para ser julgado, indicaria o primeiro volume de *O tempo e o vento*. Se me dessem a oportunidade de incluir outros, acrescentaria *Incidente em Antares*, *O senhor embaixador* e *Noite*.

---

2. Entrevista publicada na revista *Manchete* de 4 de agosto de 1973 (Rio de Janeiro, n. 1.111, pp. 31-36).

3. Erico Verissimo faleceu em 1975, e o romance, iniciado em 1966, não foi concluído.

Sobre Erico Verissimo

Erico Verissimo nasceu em Cruz Alta (RS), em 1905, e faleceu em Porto Alegre, em 1975. Na juventude, foi bancário e sócio de uma farmácia. Em 1931 casou-se com Mafalda Halfen von Volpe, com quem teve os filhos Clarissa e Luis Fernando. Sua estreia literária foi na *Revista do Globo*, com o conto "Ladrões de gado". A partir de 1930, já radicado em Porto Alegre, tornou-se redator da revista. Depois, foi secretário do Departamento Editorial da Livraria do Globo e também conselheiro editorial, até o fim da vida.

A década de 1930 marca a ascensão literária do escritor. Em 1932, publica o primeiro livro de contos, *Fantoches*, e em 1933 o primeiro romance, *Clarissa*, inaugurando um grupo de personagens que acompanharia boa parte de sua obra. Em 1938, tem seu primeiro grande sucesso: *Olhai os lírios do campo*. O livro marca o reconhecimento de Erico no país inteiro e em seguida internacionalmente, com a edição de seus romances em vários países: Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Argentina, Espanha, México, Alemanha, Holanda, Noruega, Japão, Hungria, Indonésia, Polônia, Romênia, Rússia, Suécia, Tchecoslováquia e Finlândia. Erico escreve também livros infantis, como *Os três porquinhos*

pobres, *O urso com música na barriga*, *As aventuras do avião vermelho* e *A vida do elefante Basílio*.

Em 1941 faz uma viagem de três meses aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado norte-americano. A estada resulta na obra *Gato preto em campo de neve*, o primeiro de uma série de livros de viagens. Em 1943, dá aulas na Universidade de Berkeley. Volta ao Brasil em 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo. Em 1953 vai mais uma vez aos Estados Unidos, como diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, secretaria da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Em 1947 Erico Verissimo começa a escrever a trilogia *O tempo e o vento*, cuja publicação só termina em 1962. Recebe vários prêmios, como o Jabuti e o Pen Club. Em 1965 publica *O senhor embaixador*, ambientado num hipotético país do Caribe que lembra Cuba. Em 1967 é a vez de *O prisioneiro*, parábola sobre a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã. Em plena ditadura, lança *Incidente em Antares* (1971), crítica ao regime militar. Em 1973 sai o primeiro volume de *Solo de clarineta*, seu livro de memórias. Morre em 1975, quando terminava o segundo volume, publicado postumamente.

Sobre Rosa Freire d'Aguiar

Rosa Freire d'Aguiar nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Em 1986 retornou ao Brasil e desde então trabalha no mercado editorial. Traduziu do francês, espanhol e italiano cerca de cem títulos nas áreas de literatura e ciências humanas, de autores como Céline, Lévi-Strauss, Sabato, Balzac, Montaigne, Stendhal e Flaubert. É autora de *Memória de tradutora* (2004) e editora da coleção Arquivos Celso Furtado (Contraponto/ Centro Celso Furtado), na qual já publicou seis títulos. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001) por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, o Jabuti (2009) por *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, ambos da Companhia das Letras, e o Prêmio Paulo Rónai de Tradução, da Biblioteca Nacional (2019) por *Bússola*, de Mathias Énard, editora Todavia.

Copyright © 1973 by Erico Verissimo e Rosa Freire d'Aguiar

A editora agradece ao Instituto Moreira Salles por autorizar a publicação do texto "Caminhos cruzados", incluído originalmente em Cadernos de literatura brasileira: Erico Verissimo *(2003).*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*, que entrou em vigor no Brasil em* 2009.

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa
Hajimu Hirano

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais da imagem. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

ISBN 978-85-5451-605-5

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Erico Verissimo

Olhai os lírios do campo



Olhai os lírios do campo

Verissimo, Erico

9788580860160

288 páginas

Compre agora e leia

Primeiro best-seller de Erico Verissimo, Olhai os lírios do campo representou uma guinada na carreira literária do escritor. Várias edições se esgotaram em poucos meses. Segundo Erico, o sucesso foi tão grande que "teve a força de arrastar consigo os romances" que publicara antes em modestas tiragens. Eugênio Pontes, moço de origem humilde, a custo se forma médico e, graças a um casamento por interesse, ingressa na elite da sociedade. Nesse percurso, porém, é obrigado a virar as costas para a família, deixar de lado antigos ideais humanitários e abandonar a mulher que realmente ama. Sensível, comovente, Olhai os lírios do campo é um convite à reflexão sobre os valores autênticos da vida. Este e-book não contém as imagens presentes na edição impressa.

Compre agora e leia



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

LOUISA MAY ALCOTT

Mulherzinhas

Mulherzinhas

Alcott, Louisa May

9788554516208

592 páginas

Compre agora e leia

Livro que inspirou o filme Adoráveis mulheres, de Greta Gerwig. Edição da Penguin-Companhia traz as aventuras das quatro irmãs March com prefácios de Patti Smith e Elaine Showalter.Mulherzinhas é considerado um dos livros mais influentes de todos os tempos. Ultrapassando a barreira das idades, esse romance é lido com a mesma paixão por adultos e jovens. A história das irmãs March se tornou um clássico feminista que reflete sobre a tensão entre obrigação social e liberdade pessoal e artística para as mulheres. Cada leitor terá sua irmã favorita: a independente Jo, a delicada Beth, a bela Meg ou a artista Amy. Essas quatro mulheres e sua mãe, Marmee, enfrentam com diligência e honra as privações da Guerra Civil americana, e se tornaram um sucesso instantâneo já em 1868."Muitos livros maravilhosos me fascinaram, mas, com Mulherzinhas, algo extraordinário aconteceu. Eu me reconheci, como num espelho, naquela menina comprida e teimosa que disputava corridas, rasgava as saias subindo nas árvores, falava gírias e denunciava as afetações sociais. Uma menina que podia ser encontrada encostada num enorme carvalho com um livro, ou em sua escrivaninha no sótão, debruçada sobre um manuscrito. Ela

era Josephine March. [...] Uma menina americana do século XIX que teimava em ser moderna. Uma menina que escrevia. Como incontáveis meninas antes de mim, vi como modelo uma que não era como as outras, que possuía alma revolucionária, mas também noção de responsabilidade. Sua dedicação à sua arte me deu meu primeiro vislumbre do processo do escritor e fui tomada pelo desejo de abraçar essa vocação. Os passos em falso que ela dava, dos cômicos aos ousados, eram invejáveis, e me concediam permissão para dar os meus." — Patti Smith

Compre agora e leia


CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS
COMPANHIA DAS LETRAS

Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

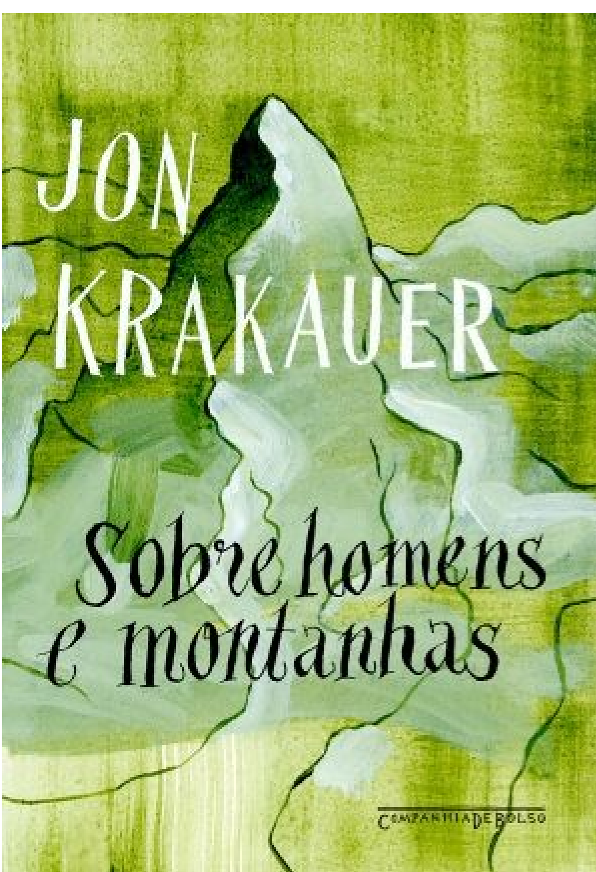
24 páginas

Compre agora e leia

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de Sejamos todos feministas, ensaio da premiada autora de Americanah e Meio sol amarelo. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que

gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

Compre agora e leia


JON
KRAKAUER
Sobre homens
e montanhas
COMPANHIA DE BOLSO

Sobre homens e montanhas

Krakauer, Jon

9788554516154

176 páginas

Compre agora e leia

Em doze artigos, Jon Krakauer tenta compreender por que homens e mulheres se aventuram por paredes de rocha e gelo como se procurassem voluntariamente a morte.Você sabia que é possível escalar cachoeiras? Sabia que o monte McKinley, no Alasca, o maior dos Estados Unidos, possui um dos ambientes mais inóspitos do planeta e que mesmo assim cerca de trezentas pessoas o escalam a cada ano? Você sabe qual é a segunda maior montanha do mundo? E sabe que ela é bem mais difícil de ser escalada do que o Everest? Por que tantas pessoas arriscam a vida nas paredes de gelo e rocha?Nesta coletânea de artigos e reportagens sobre aventuras vividas ao redor do mundo, do Himalaia ao Alasca, Jon Krakauer, autor de No ar rarefeito e Na natureza selvagem, mostra homens e mulheres que enfrentam paredes de gelo e rocha por todo o planeta, revela o que eles fazem, como sobrevivem e o que os motiva.

Compre agora e leia

Pós-escrito da nova edição

BRASIL: UMA BIOGRAFIA

Lilia M. Schwarcz
e Heloisa M. Starling



Brasil: uma biografia - Pós-escrito

Schwarcz, Lilia Moritz

9788554510763

24 páginas

Compre agora e leia

Neste pós-escrito do monumental Brasil: uma biografia, Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling lançam um olhar atualizado sobre os acontecimentos recentes e decisivos do país. A democracia posta em xeque, os desdobramentos das manifestações populares e o impeachment de Dilma Rousseff são alguns dos temas tratados pelas pesquisadoras, que mantêm o rigor na pesquisa e o texto fluente da obra lançada em 2015.Tanto continuidade dessa nova (e pouco convencional) biografia como análise independente do cenário brasileiro dos últimos anos, este é um convite para conhecer um país cuja história — marcada pelas falhas nos avanços sociais e pela violência — permanece em construção.

Compre agora e leia